

nicipal. Quem passa por aqueles caminhos, quase sempre topa com um. Os de 'anjos' são carregados por moças e os destas também pelas da sua idade. Não há, para elas, nenhuma toilette especial. Levam a mesma que para os bailes e mafuás; e lá vão de rosa, de azul celeste, de branco, carregando a pobre amiga, debaixo de um sol inclemente, e respirando uma poeira de sufocar; quando chove, ou choveu recentemente, carregam o caixão aos saltos, para evitar atoleiros e poças d'água.

Os de adultos são carregados por adultos. Nestes, porém, há sempre uma modificação do indumento dos que acompanham. Os cavalheiros procuram roupas escuras, senão pretas; mas, às vezes, surge o escândalo da sua calça branca. Vão muito pouco tristes e, em cada venda que passam, 'quebram o copo', isto é, bebem uma boa dose de parati. Ao chegarem ao cemitério, aquelas cabeças não regulam bem, mas o defunto é enterrado.

Houve, porém, uma ocasião, que o corpo não chegou a seu destino. Beberam tanto, que o esqueceram no caminho. Cada qual que saía da venda, olhava o caixão e dizia: eles que estão lá dentro, que o carreguem. Chegaram ao cemitério e deram por falta do defunto. 'Mas não era você que o vinha carregando?' — perguntava um. 'Era você' — respondia outro; e, assim, cada um empurrava a culpa para o outro. Estavam cansadíssimos e semi-embriagados. Resolveram alugar uma carroça e ir buscar o camarada falecido, que já tinha duas velas piedosas a arder-lhe à cabeceira. E o pobre homem, que devia receber dos amigos aquela tocante homenagem, dos camaradas levarem-no a pé ao cemitério, só a recebeu a meio, pois, o resto do caminho para a última morada, ele a fez graças aos esforços de dois burros, que estavam habituados a puxar carga bem diferente e muito menos respeitável."

(Clara dos Anjos)

Não tendo piso residencial, resolveu simplesmente morar no mato. Havia na Estação do Méier, uma quadra com frente para a Rua Arquias Cordeiro, entre o atual edifício da Assis-

tência Pública e a Rua Imperial, perpendicular à Arquias Cordeiro. A quadra era coisa de uns cem metros, que fora uma parte do desmembramento de uma chácara e ali havia restos de uma mata, que se formou com pinheiros, capim da Angola, bambus e, com o tempo, as cercas desapareceram. Então, os mais malandros, fizeram trilhos cortando a quadra para atalhar caminho e aquilo acabou sendo zona de perigo, à noite. Bem. Huberto, o Pavoroso, resolvera morar ali. Isto é, dormir. E passar os dias perambulando. Às tardes, no centro urbano, mais na parte próxima à Central, em que ia esperar Lima e com ele passar no último bar, filar o gole e a passagem até o Méier. De segunda classe. Essa turma toda, aliás, só viajava de segunda. Huberto, o Pavoroso, não acompanhava Lima até a casa do escritor. Também Lima só chegava à casa na madrugada.

Havia outros tipos acompanhantes de Lima no Beco do Rosário. Um, o único cearense burro que conheci, mais idoso que Lima, Huberto e Da Rocha. Era uma perfeita cara de gato. Tão medíocre, pouco falava, ouvia tudo muito assustado. Não era tão sujo quanto Huberto, mas as roupas eram paupérrimas. Usava chapéu e, incrível, tinha uma bengala, usava colarinho e gravata. Era o que menos falava, bebia mas não se equilibrava, era sereno e não se irritava.

Do Beco do Rosário, uns saíam para destinos mais próximos, iam por exemplo, para Itapiru, Rio Comprido, Itapagipe, Santa Alexandrina, Matoso. E os outros eram constantes, iam até a Central do Brasil.

Pelo Beco do Rosário, passavam numerosos amigos de Lima não exclusivamente para entrar no grupo, mas apenas para tomar o bonde. Eventualmente, entravam. O Largo de São Francisco era ponto de bondes para diversos bairros. No grupo, além de Huberto, o Pavoroso, havia o cearense com cara de gato: figura feia de cabelos muito crespos, bigodes de pontas finas, sobranceiras fartas e rebeldes. Esse também aparecia por lá e seguia com Lima pelos outros bares — Rua da Conceição, Rua José Maurício com Rua Buenos Aires... O escritor demonstrava claramente que tinha amizade àqueles tipos humildes e muito pobres.